

Profissão Repórter: novidades no formato e atuação online

Por Renato Oselame

O Profissão Repórter, exibido semanalmente nas noites de terça-feira pela Rede Globo, retornou ao ar no dia 5 de abril, após o término do Big Brother Brasil 11, com novidades. A mais importante delas é o novo diretor do programa: o próprio Caco Barcellos. Essas mudanças no programa provavelmente estão ligadas aos baixos índices de audiência de Profissão Repórter, que fechou 2010 com uma média de 14,4 pontos – contra 17,4 e 18,6 pontos em 2009 e 2008, respectivamente. Em dezembro do ano passado, alguns jornalistas chegaram a cogitar o fim do programa.

Para enfrentar essa pressão pela audiência, Profissão Repórter realizou mudanças em sua estruturação interna. Para além do entra-e-sai de jovens repórteres (com a ida de Julia Bandeira e Mariana Salermo para o programa Ação, também da Rede Globo, e a entrada de Victor Ferreira e Paula Akemi), as alterações afetaram também os cinegrafistas, que ganharam maior espaço no programa. O destaque nesta questão tem sido o cinegrafista Wellington Almeida, que apesar de estar no programa desde 2008, somente agora aparece em frente às câmeras na sala de edição com Caco Barcellos e é chamado por este de “repórter”. A relação de Wellington e sua câmera com o programa também se alterou: há nitidamente uma preocupação estética nas filmagens, que pode ser evidenciada na última edição (do dia 12 de abril), ao filmar passos da bailarina Mara Barros.

Além disso, o programa também tem se esforçado para alcançar uma maior atuação online. Materiais audiovisuais exclusivos têm sido produzidos para o site do Profissão Repórter, como dois vídeos feitos por Wellington Almeida (com visível preocupação estética nos enquadramentos e no tratamento das imagens) sobre os artistas de rua de Nova York e do Piauí. Além disso, no dia anterior ao programa, é colocada uma chamada em vídeo no site, para atrair os internautas a assistirem a edição do dia seguinte na televisão. A participação via Twitter também tem aumentado. Em 2010, ele era utilizado apenas para avisar quando o programa entrava no ar, para estimular a interatividade no site e divulgar o tema da próxima edição. Agora, a própria conta do Twitter (@profreporter) também tem interagido diretamente com internautas e estimulado a visitação do site através de links para o conteúdo audiovisual exclusivo.

No que diz respeito às duas primeiras edições do programa, ele parece ainda não tensionar tão fortemente os gêneros do reality show e do telejornalismo como fazia no ano passado. O programa de reestreia, que tratava de acompanhar o atendimento de vítimas de violência sexual no Rio de Janeiro, não se preocupa em mostrar muito os bastidores da notícia: o peso da reportagem é muito mais importante. A maior parte da vivência de cobertura dos repórteres se transformou em um vídeo de quase dez minutos para o site, em que os repórteres Gabriela Lian e Raphael Prado analisam o conteúdo que foi ao ar e compartilham histórias, sem a presença de Caco Barcellos. Somente na segunda edição do programa o gênero do reality show marca presença mais forte, com o desafio do novo repórter, Victor Ferreira, de acompanhar o jogador Ganso em sua última fase de recuperação.

O novo diretor, por sua vez, tem alterado o seu papel no programa. Contrariando “regras” estabelecidas nos últimos anos do programa, ele não participou de nenhuma

das coberturas da última edição do programa, que abordava um tema mais característico do “light news”. O seu papel enquanto tutor dos jovens repórteres, contudo, permanece. Ainda é cedo para afirmar definitivamente como irá se estruturar a participação do novo diretor nas reportagens futuras do programa. Mas arrisco a dizer que sua participação nas coberturas deverá ser menor. Não apenas por que ele passa a desempenhar o cargo de diretor do programa (e acumula novas funções), mas também porque os jovens repórteres irão atuar em duplas com profissionais mais experientes em alguns episódios – que poderiam ocupar temporariamente a posição de Caco Barcellos enquanto mentor dos jovens.

Dentro da batalha pela audiência com as novas modificações, muito é incerto nesse “novo” Profissão Repórter. Sobretudo se o programa não conseguir galgar pontos no Ibope, já que as suas duas primeiras edições tiveram, respectivamente, 13 e 12 pontos.

:: Renato Oselame é graduando em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia. É Bolsista do Programa de Educação Tutorial Facom/UFBA.